



**SOBRE O DESENVOLVIMENTO
DA ECONOMIA DO NOSSO PAÍS**

COLECCÃO RESISTÊNCIA

TEXTO N.º 17



**DISCURSO PROFERIDO PELO CAMARADA
LÚCIO LARA, SECRETÁRIO DO BUREAU PO-
LÍTICO DO MPLA, AQUANDO DA INAUGU-
RAÇÃO DA BANCA DO MILITANTE, NO POR-
TO DE LUANDA.**

LUCIO LARA



INTRODUÇÃO

O povo angolano dirigido pela sua vanguarda o MPLA, acaba de enfrentar vitoriosamente uma guerra de agressão imperialista. Batido no campo militar, o inimigo procura novas e mais subtis formas de actuação para se opor às vitórias cada vez maiores, alcançadas pelas massas populares. É através da agitação no seio dos trabalhadores, da fomentação do tribalismo e do racismo, da sabotagem do Poder Popular e da sabotagem económica que o inimigo procura opor-se ao avanço da nossa luta.

As massas populares, organizadas em torno da sua vanguarda, o MPLA, constituem a força motriz da nossa Revolução. Todavia, para que elas possam cumprir a tarefa histórica, que lhes está destinada, é indispensável, que os militantes da nossa Organização, tenham como preocupação dominante aumentar a sua formação política e ideológica para melhor servirem os interesses das massas populares.

O Departamento de Orientação Revolucionária, com a colecção «Resistência» pretende contribuir decisivamente para a tarefa da educação política e ideológica das massas militantes. Aos militantes mais conscientes, e melhor esclarecidos, caberá estudar os textos aqui editados e levá-los ao conhecimento das massas, seja nos grupos de acção, nas Comissões de Bairro, nas Comissões de Trabalhadores, etc., para aí se discutir aprofundadamente o seu conteúdo.

«Camaradas :

As minhas primeiras palavras são de autocrítica por só hoje poder estar aqui, convosco, em nome do Comité Central, para conversarmos sobre os diversos problemas que preocupam os trabalhadores do Porto de Luanda.

Falar do significado do Porto de Luanda creio que não é necessário. Todos os responsáveis do nosso Movimento, todos os responsáveis da Nação, do Governo, e sobretudo o camarada Presidente, em várias ocasiões, têm acentuado a importância vital, para o nosso Povo, da actividade do Porto de Luanda. E quem diz o Porto de Luanda, diz dos portos de Angola.

Nós podemos dizer que aqui é o princípio e o fim de todo o trabalho desenvolvido pelo Povo Angolano. É por aqui que entra, neste momento difícil, a alimentação para o nosso Povo. E é por aqui que sai

o produto do trabalho do nosso Povo, que permite engrandecer Angola independente. E este facto, só por si, que é tão simples de compreender, justifica a enorme preocupação de todos os responsáveis, por aquilo que se passa no porto, pelo mais insignificante acontecimento que se passa no porto. Qualquer coisa é, imediatamente, objecto de preocupação de todos os responsáveis. E é, por isso, que eu comecei por me autocriticar, pessoalmente e como responsável, por só hoje encontrar esta oportunidade, tantas vezes ainda, de conversarmos um pouco, sobre estas questões, sobre estes problemas.

Em primeiro lugar, também, eu queria felicitar os camaradas militantes do MPLA, no porto, e os seus responsáveis dos Comitês de Acção e Grupos de Acção, por terem montado a Banca do Militante, por a terem já equipada com aquele objectivo há pouco expresso pelo camarada Francisco Ferreira, que é o de ajudar os militantes, ajudar os trabalhadores, a aumentarem a sua consciência política. Em cada momento, o nosso Movimento declara, com toda a força, com toda a solenidade, que a sua luta, durante as épocas difíceis de libertação nacional e, agora, durante o período de Reconstrução Nacional, é uma luta para pôr a Classe Operária a tomar, realmente, conta dos destinos do nosso País. E, naturalmente, os camaradas trabalhadores do porto são parte desta classe operária do nosso País, ainda numericamente pequena, mas que já adquiriu um grau de consciência muito elevado num espaço de tempo muito curto. E o que nós pretendemos é que

essa consciência se solidifique, cada vez mais, se desenvolva, para que cada um de nós, cada trabalhador, cada operário compreenda o seu papel, nesta construção de Angola socialista que todos nós pretendemos e que só vem ao encontro dos grandes objectivos porque o MPLA lutou.

Vários são os instrumentos para chegarmos a esse objectivo, que não é um objectivo fácil, que não é um objectivo para amanhã. É um objectivo de longo alcance e de longo tempo de trabalho e de luta. E essa luta é tanto maior quando Angola, pelo seu Povo, constitui hoje, em África, o osso mais duro de roer do imperialismo. E por isso é que nós não podemos deixar de, em cada momento, chamar também a atenção para a necessidade de darmos importância à defesa do nosso País. Porque é, como todos sabemos, como todos acompanhamos, as nuvens adensam-se em volta de Angola. Quer dizer, os inimigos concentram forças, fazem grandiosos planos, todos eles com o objectivo de boicotar, de travar esta marcha irresistível, que começou em 4 de Fevereiro de 1961. Bom, nós sabemos que eles não vão conseguir. Nós sabemos porque nós vivemos cá. Nós conhecemos o nosso Povo, como é que ele luta, nos momentos difíceis, como é que ele reage nos momentos difíceis. E por isso, temos a certeza, estamos com toda a confiança de que os objectivos grandiosos do nosso Movimento e do nosso Povo, serão realizados. Custe o que custar, o imperialismo não conseguirá, de maneira nenhuma, usando todos os meios, impedir que nós alcancemos os nossos objec-

tivos, que nós construíamos uma Angola socialista, que nós constituímos, aqui, o baluarte, um dos baluartes, mas talvez o mais importante, neste momento, dos povos da Namíbia, do Zimbábue e da África do Sul, que ainda lutam pela sua independência. E isto, o imperialismo não engole. Ele não aceita. E está a fazer tudo para impedir este processo revolucionário angolano, que tão caro lhe vai custar e já lhe custou.

Basta ver, por exemplo, com que facilidade os imperialistas franceses encontraram um argumento para enviarem para uma nação vizinha, que todos nós sabemos que é o Zaíre, alguns dos seus melhores peritos militares. Com que facilidade, o Governo francês, se nós não podemos deixar, aqui entre trabalhadores, de classificar de extremamente oportunista, imperialista que é, mas oportunista também.

Não nos esqueçamos que foi a França um dos países que mais agiu para destruir o MPLA, na véspera da Independência, sempre com os olhos postos no nosso petróleo de Cabinda. Não nos esqueçamos que a França, no momento em que nós ganhamos o poder, em que o MPLA ganhou o poder, a França, imediatamente, dum maneira oportunista, que até chocou os seus parceiros do Mercado Comum, os Europeus, foi o primeiro desses «nove» a reconhecer Angola, ridiculamente até. Não nos esqueçamos a pressa, e a insistência, com que a França quis estabelecer relações diplomáticas com Angola. E nós, abertos a todo o mundo, que nós queremos ter relações com todos os povos do mundo, não hesitámos

também em estabelecer relações com a França. Mas verificamos que, apesar dum nota explicativa da Embaixada de França, que saiu nos nossos jornais, e que não convenceu ninguém, apesar da França querer mostrar a sua inocência, no caso do abrigo que dá, no seu país, à «Flec», não é inocente, os fantoches da «Flec» são pagos e orientados por franceses, com conhecimento e com a cumplicidade do Governo francês. Não esqueçamos que depois, portanto, desse estabelecimento de laços diplomáticos, a França, mais uma vez, mostra o seu ódio, a sua revolta contra este Povo Angolano revolucionário, ao facilitar, ao pôr à disposição das tropas marroquinas toda a sua infra-estrutura militar. Além disso, é ainda a França que, neste momento, organiza em África uma conferência, em Dakar, no Senegal, dos chamados países francófonos, aqueles que foram colónias francesas, com o único objectivo de travar o processo revolucionário em África, que é, como quem diz, de boicotar a Revolução Angolana.

No Senegal, em Dakar, foi discutida a constituição dum exército africano de intervenção! Intervenção contra quem? Eles falam do Comunismo. Eles falam dum nova «OTAN». Os camaradas sabem que a «OTAN» é um pacto agressivo, de países europeus que visava — e visa — opor-se aos países socialistas. Ora, quer se fazer uma «OTAN» em África! Contra quem? Contra os países revolucionários africanos. E neste momento particular, contra Angola e contra Moçambique. E nós só temos que apelar para a consciência dos povos africanos, vivam eles sobre que

regime viverem, para que estejam atentos e para que não deixem que os antigos colonialistas, esses imperialistas, voltem a ter possibilidades de manobras, a servirem-se de agentes seus, situados na governação de alguns países, para perturbarem o desenvolvimento normal de África.

Angola, o nosso Povo, quer a paz. Nós não temos intenções agressivas contra ninguém. Nem contra os nossos vizinhos, que sempre alguns deles, como o Zaire, alimentaram a contra-revolução no seu solo. Mas nós estamos preparados para resistir, para defender a nossa Revolução. E neste momento em que, nós temos oportunidade de estar aqui, a estudar os nossos problemas, não podíamos deixar passar este facto em claro. O facto de países africanos hoje estarem a seguir a batuta, dum país como a França, contra países que lutaram catorze, quinze, vinte anos, para serem livres e para construir, no seu solo, o regime que entendem que é o mais útil para o seu povo, que no nosso caso, é o socialismo.

Também não podemos deixar passar, em claro, que países, que foram da comunidade socialista, países que inspiravam momentos vários da Revolução Angolana — eu refiro-me, em particular, à China — hoje joguem, ou desempenhem um papel, ao lado, igual ao papel que o imperialismo está a desempenhar.

A China, no processo revolucionário angolano, há três anos para cá, escolheu o mau caminho. E não conseguiu ainda verificar ou corrigir o seu erro.

Nós não temos por hábito metermo-nos nos

assuntos internos dos países do mundo. Mas estamos em crer que a nova direcção política chinesa está muito enganada, ainda, a respeito dos objectivos, dos desejos do nosso Povo. E é por isso que, em cada momento crucial da Revolução Angolana, a China se encontra ao lado do imperialismo. E nós lamentamos sinceramente.

Este aspecto, internacional, camaradas, leva-nos a reflectir nos nossos problemas nacionais. Nós estamos a falar com camaradas trabalhadores do porto, aqueles que sem estudarem, sem pegarem em livros, têm nas mãos, têm nos olhos, dia-a-dia, uma lição de economia de alto significado. Dia-a-dia entra, por este porto, aquilo que anima a nossa produção. Nós gritamos as nossas palavras de ordem. Produção, Produção, Produção. E, muitas vezes, sentimos os trabalhadores que querem corresponder a essas palavras de ordem, desanimados, travados, porque tal e tal matéria-prima se esgotou, tal e tal matéria-prima está no barco, não foi ainda descarregada, tal e tal matéria-prima está no porto, não foi ainda desalfandegada... Quer dizer, aqui neste local, nós temos a chave de muitos dos nossos problemas. E nesses está, também, o problema dos abastecimentos, da alimentação, do sabão de que o nosso Povo tanto carece, neste momento.

Nós vemos as bichas. Nós pomos em equação uma série de planos para combater as bichas. Mas há sempre um ou vários estrangulamentos. E um deles, muitas vezes, está no problema portuário, está no porto, está ainda não termos conseguido resolver

toda a problemática do porto. Não se trata, aqui, de responsabilizar tal ou tal sector de trabalho. Trata-se, aqui, de tomarmos consciência do papel que os portos de Angola desempenham, hoje, na Reconstrução Nacional, mas sobretudo também na defesa.

A defesa do nosso País passa por muitos canais. Não é só pelas FAPLA, pela ODP, pela Força Aérea, pela Marinha. Não é só, portanto, pelas Forças Armadas. A defesa do nosso País passa pela coesão interna, passa pela unidade do nosso Povo, passa pela unidade do nosso Movimento. E a unidade do nosso Povo, a unidade do nosso Movimento passam necessariamente, pela solução de alguns problemas vitais. Nós temos que resolver os problemas do nosso Povo. O escoamento dos produtos agrícolas, quer dos sítios de produção, nas aldeias, nos kimbos, nas sanzalas, para as cidades, quer das cidades para os caminhos de ferro, para os portos, para o exterior.

Nós sabemos que a exportação é a chave do equilíbrio da balança e que, quanto mais produtos nós exportarmos, mais capacidade teremos de melhorar o nosso equipamento interno...

Nós sabemos que uma das falhas do porto, um dos problemas do porto, é o problema do equipamento. Nós julgamos que estes problemas estão a ser resolvidos. Mas para melhorarmos o equipamento nós precisamos, necessariamente, de divisas e, para termos divisas, nós precisamos de exportar, de mandar lá para fora o fruto do trabalho do nosso povo. E para exportarmos, num ritmo conveniente, os portos têm que funcionar normalmente. Os cama-

radas trabalhadores do porto têm que dar o melhor do seu esforço. Porque esse esforço que estão a dar hoje não é o esforço para o patrão. Não é o esforço para o colono. Não é o esforço para o colonialismo. É um esforço para o nosso Povo. Para o povo que está nas cidades, nos bairros populares, com dificuldades de se abastecerem. Mas também para o povo camponês, que está nas aldeias, que não tem tecido, que não tem sabão, que não tem certos produtos alimentares essenciais, porque há esta dificuldade de escoamento, aqui, no porto, que se transmite, também, aos outros sectores.

Nós sabemos que uma das dificuldades, no porto, é a existência, ainda de muito material armazenado, que depende dos Ministérios. Quer dizer que os camaradas dos Ministérios, responsáveis em levantar esse material têm, também, que ser especificados para accionar o processo de desobstrução do porto. Não faz sentido que, por desleixo, por falta de interesse, muitas coisas fiquem, meses e meses, se estraguem, sejam roubadas, aqui, no porto, coisas essenciais à produção, coisas essenciais ao abastecimento do povo. Portanto, não é só realmente um problema do porto. É um problema geral.

Do porto, dos Ministérios, das empresas, que recebem do porto, do próprio MPLA, que também recebe pelo porto, e que às vezes, também, se atrasa no levantamento das suas mercadorias, que se destinam a beneficiar o nosso Povo, no interior do País. Esses problemas, camaradas, são realmente problemas vitais que merecem todo o nosso estudo.

Há casos que merecem a nossa atenção, aqui, de uma certa indisciplina. Há mesmo casos que nós conhecemos, concretamente, da existência de camaradas agitadores. Há agitadores conscientes. Mas há os agitadores inconscientes. E para resolver esses problemas, o MPLA, o Grupo de Acção é um elemento fundamental. É ele que, em cada momento, pode esclarecer, pode ajudar mesmo a resolver este e aquele problema.

Nós sabemos, também, que os agitadores não estão só entre os trabalhadores do Porto. Estão mesmo entre os responsáveis do Porto. Que compreendem mal um certo número de coisas. Que não compreendem o período revolucionário que nós vivemos. E que reagem mal. Há um determinado número de atitudes que, muitas vezes, inconscientemente, os camaradas trabalhadores tomam naquilo que pensam a defesa dos seus interesses. Mas nós não podemos ser egoístas, camaradas. Nós temos que pensar, sobretudo, naqueles, de quem depende do trabalho no Porto. E temos que nos sacrificar todos. Se for preciso criar brigadas extra-trabalhadores do porto para ajudar, para entusiasmar, criamos essas brigadas. Mas cada um, no seu lugar, cumpra o seu dever. Que haja problemas pessoais, problemas de classe para resolver, há concerteza. Nós sabemos o interesse dos camaradas da actual Direcção do Porto estão a pôr na solução, por exemplo, do problema dos transportes. É um problema importante. Merece a sua atenção. E não é fácil de resolver. Mas, quer a Direcção do Porto, quer os responsáveis pelos

grupos de acção do MPLA, dos comités de acção, devem empenhar-se, devem fazer, dias e noites, para resolver esses problemas. Há o problema do refeitório. É um problema cuja solução resolveria muitíssimos problemas pessoais dos trabalhadores. Pois, ponhamos toda a força da direcção do Porto toda a força do nosso Movimento, na solução desse problema. Porque nós reconhecemos que este problema é um problema vital, ajuda o trabalhador a desempenhar melhor as suas tarefas.

Nós sabemos também que, de alguns meses para cá, mais concretamente depois de Janeiro, o trabalho no Porto melhorou imenso. Nós não temos os números absolutos dessa melhoria, mas podemos dizer, à vontade, sem erro nenhum, que a produtividade, no porto, aumentou quatro vezes mais. Em dois meses praticamente três meses, a produtividade aumentou quatro vezes mais. Isto é extraordinário, camaradas! Mostra do que nós somos capazes.

Houve, necessariamente, depois da independência, um período de desorganização geral nos sectores de trabalho, em Angola. É natural. Quem detinha os cordeis, de todos esses trabalhos, não eram os angolanos, eram os estrangeiros. E, dum dia para o outro, dum momento para o outro, são os angolanos quem tem que estar a aprender, rapidamente, a gerir, rapidamente a tomar conta de coisas que ultrapassam a nossa capacidade. Mas nós temos que vencer essas dificuldades e pormo-nos à altura de conseguir gerir, de conseguir organizar. Muitas vezes isto é, sobretudo, um problema de organização. Muitas

vezes parece haver má vontade. Muitas vezes parece haver boicotagem, sabotagem. E quando se vê o problema, no fundo, nota-se que é um problema de organização. É um problema de sabermos aproveitar os homens, sabermos aproveitar aquilo que cada um é capaz de fazer, sabermos pôr o homem justo num lugar justo, sabermos organizar o nosso trabalho, planificar o nosso trabalho. Isto não é fácil camaradas. Não é dum dia para o outro. Não estejamos com ilusões. Leva tempo. Mas nós não devemos, por isso, esmorecer. E devemos fazer cada vez melhor.

E os camaradas, nesses meses curtos, mostraram facilmente e extraordinariamente que são capazes.

E mais ainda. Nós sabemos que a meta não para aí. Há uma meta maior a atingir. Essa meta nós sabemos também que os militantes do MPLA gostariam que ela fosse atingida antes da realização do Congresso do MPLA, como oferta ao Congresso, como oferta ao MPLA, dos trabalhadores do Porto de Luanda. Nós temos a certeza que essa meta vai ser atingida porque confiamos não só na capacidade dos nossos militantes, dos grupos de acção, mas confiamos também, e muito, na compreensão de todos os trabalhadores, do momento especial que estamos a viver nessa altura. Nós vivemos um momento crucial, um momento que não nos diz respeito a nós só angolanos, diz-nos muito respeito, diz respeito ao nosso Povo. Nós temos dificuldades de tudo, desde as armas, desde as munições até a roupa, até ao sal ao sabão. E estamos a fazer tudo

para, pouco a pouco, irmos vencendo essas dificuldades, para sermos, mais uma vez, capazes de não deixar passar o inimigo, de impedir o inimigo de realizar os seus vaticínios em Angola. Mas, além, disso, nós temos deveres para com o resto de África, para com os povos revolucionários de África. Todos estão com os olhos postos em Angola. E será com as armas das FAPLA mas será também, sobretudo, com o trabalho, com a produção, que nós conseguiremos vencer os nossos inimigos.

Aqui trata-se, portanto, dum problema de mobilização politização, consciencialização e organização. E quem pode fazer isso é o MPLA. Nós falamos dum Partido da Classe Operária. Quem pode conduzir a direcção do Partido é ainda, o MPLA.

Ainda ontem, um camarada comunista, dum país estrangeiro, nos dizia, depois de ter efectuado uma visita de trabalho a Angola, andou Angola toda, viu o nosso Povo, viu os trabalhadores, falou com os trabalhadores e ao felicitar-nos pela qualidade de militantes e de revolucionários que nós temos, em Angola, ele dizia que «realmente não se pode pensar nisto tudo sem o MPLA. O MPLA é uma força grandiosa que, na mais escondida aldeia, está presente, está no coração do Povo». E vocês têm de saber utilizar esta força para chegarem aos objectivos primários definidos pelo MPLA.

Por isso, camaradas, vamos utilizar este poderoso MPLA para levarmos para a frente a nossa Revolução, uma Revolução que quer construir o socialismo científico no nosso País. E, para isso, nós apelamos

aos militantes do MPLA, aqui no porto, em particular, para desenvolverem, cada vez mais o trabalho político, o trabalho, militante, no seio de todos os trabalhadores, para que apoiem os trabalhadores nas suas lutas, para que organizem os trabalhadores no seu trabalho, mas também nas suas posições militantes.

O MPLA necessita cada vez de um maior número de militantes. Porque será pela passagem do MPLA, será pelas provas militantes dadas que nós poderemos ver quem são os militantes do futuro Partido da Classe Operária. Não serão necessariamente escolhidos à toa. Serão camaradas que deram provas, provas de militância, provas de trabalhadores conscientes. Serão esses os que constituirão o núcleo do que será o Partido Revolucionário, o Partido marxista-leninista em Angola. E, por isso, este trabalho de mobilização, dos nossos Grupos de Acção, tem que se desenvolver cada vez mais. Tem que estar atento a todo o processo, tem que atender os problemas particulares dos trabalhadores e os problemas gerais do porto. É preciso estar presente, é preciso desenvolver uma grande actividade, é preciso ir ao encontro das preocupações e, necessariamente, nós temos que melhorar a nossa Organização. Antes de mais, organizarmos melhor, ampliarmos os Grupos de Acção, assistirmos a esses Grupos de Acção. E nos Grupos de Acção não discutir coisas banais, mas discutirmos, efectivamente, aquilo que é importante neste momento, quer no aspecto político interno da Nação, quer no aspecto político interno da empresa, quer no aspecto internacional.

Os trabalhadores, mais do que ninguém, têm que estar atentos a tudo o que se passa no mundo porque tudo, o que se passa no mundo diz respeito a Angola. Tudo o que se passa no mundo, neste momento, tem reflexos em Angola. Uma afirmação de um presidente dos Estados Unidos, necessariamente, tem influência em Angola. Uma afirmação de um partido estrangeiro qualquer tem influência para o nosso País. E nós temos que estar atentos. Temos que, a cada momento, enriquecer os trabalhadores da ciência da Classe Operária, porque o marxismo-leninismo não é só a teoria, a filosofia a economia. Não é só isso. É isso mas é também o conhecimento profundo dos problemas diários do País, dos trabalhadores, da Nação em geral.

Há um aspecto, camaradas, na vida militante, pela qual nós temos que aproveitar, esta ocasião, para chamar a atenção dos militantes do MPLA em geral. O MPLA tem muitas responsabilidades. E essas responsabilidades, até certo ponto, necessitam de meios financeiros. Ora, qualquer organização política revolucionária, cobra uma quota aos seus militantes. Em Angola, por razões diversas, das guerras que nós sofremos, não se deu muita importância ao problema da quotização. Os militantes, de um modo geral, eram militantes pelo coração, pela adesão, pelo trabalho que faziam, em prol da luta, em prol da Revolução, mas não estavam e nem estão habituados a cumprir alguns dos elementares deveres de militante. Quais são? Bom, estar num Grupo de Acção. Toda a gente sabe que um militante é aquele que está enquadrado

num Grupo de Acção e quem não está enquadrado num Grupo de Acção não pode dizer que é um militante, porque não está a militar.

Creio que, quem diz um Grupo de Acção diz um organismo de trabalho do Movimento.

É participar, portanto, nas reuniões desse Grupo de Acção; Reuniões e discussões onde há tarefas a desempenhar. Portanto um militante desempenha tarefas, cumpre tarefas. Não se devem fazer reuniões e depois, boa-tarde, vamos embora todos para a casa contentes porque fizemos uma reunião. Não. Em cada reunião, cada militante deve ter uma tarefa a desempenhar. Seja uma tarefa de estudo, seja uma tarefa de mobilização, seja qualquer tarefa, mas deve ter uma tarefa. E deve desempenhar essa tarefa e deve dar contas dessa tarefa na sua próxima reunião. E há outro dever elementar dos militantes que é de pagar a quotização.

As vezes diz-se que a quotização regulamentar é elevada e há camaradas que até protestam, porque não podem assumir esses encargos. Há um regulamento de quotização e esse regulamento deve ser cumprido. Se há casos especiais de um camarada que por razões objectivas — que demonstra problemas de encargos familiares grandes, de doenças, de compromissos efectivos que tomou e não pode entregar à tesouraria, ao Grupo de Acção, a quotização que está estipulada, ele pode escrever uma carta ao seu Grupo de Acção a explicar e pedir que lhe seja reduzida a responsabilidade da quotização. E certamente, se houver razões para isso, será atendido.

Há camaradas que dizem: «eu não pago a quotização na empresa porque pago no bairro». Ora um dos princípios ideológicos da organização do MPLA, é que a Organização deve começar pela empresa, fundamentalmente na empresa. Quer dizer que cada trabalhador deve pertencer ao Grupo de Acção da empresa onde trabalha. Isto não exclui a sua participação militante no bairro. Mas ele deve estar organizado no Grupo de Acção da empresa.

É ali que ele tem as reuniões estipuladas e obrigatórias. É ali que ele paga a sua quota. É ali que ele desempenha os seus deveres de militante.

No bairro ele pode perfeitamente — e tem o direito — participar nas reuniões de militantes de bairro. Como militante que é do MPLA, ele pode e deve participar nas reuniões de militantes do bairro. Mas não é ali que ele presta contas da sua actividade de militante. Ele presta contas é no Grupo de Acção da empresa. Este é um princípio que nós devemos observar, porque é muito importante, até no plano ideológico. Se nós entendermos bem isto e cumprirmos bem esta directiva, grande parte dos trabalhadores, que não são militantes, começam a ver o que é que significa ser militante. Começam a ver a vantagem de ser militante, para adquirir maior consciência política, maior consciência de classe. Porque nós estamos numa luta de classes, numa luta em que, necessariamente, a classe operária aliada à classe camponesa, conduzirão o País. Mas para conduzir o País, é preciso que sejamos conscientes dos problemas do País. E essa consciência adquire-se militando

num Grupo de Acção. Os outros camaradas trabalhadores que não são militantes começam a ver a vantagem, o que se aprende em ser militante. Um militante intervém numa reunião, numa assembleia e discute, põe os problemas em termos militantes e explica aos trabalhadores o que é. E os camaradas trabalhadores começam, enfim, a ver que militar não é estar filiado numa assembleia desportiva, num clube desportivo. Militar é aceitar cumprir deveres para com a Pátria, para com o nosso Povo, para com o nosso Movimento. E esses deveres hoje são muito importantes e muito grandes camaradas. E só dentro da doutrina revolucionária, do marxismo-leninismo, é que nós podemos, todos juntos, registar a agressão imperialista contra o nosso País.

O camarada Presidente tem dito muitas vezes que nós temos que dar permanentemente importância à defesa. A defesa aqui, no Porto assume um papel importantíssimo. No Porto há que ter cuidado com as coisas que chegam aqui.

Há que proteger os bens do nosso Povo. Os bens que vão para as fábricas, que vão para as aldeias têm que ser protegidos. Nós sabemos que muitas vezes há roubos, muitas vezes há desleixo, mesmo certas mercadorias essenciais, equipamento mecânico máquinas, são estragadas por falta de cuidado, porque estão muito tempo abandonados à chuva, porque estão muito tempo sem serem levantadas ou até às vezes porque são descarregadas de uma maneira sem amor.

Antigamente uma tal atitude de indiferença por

aquilo que se descarrega compreendia-se camaradas. Hoje não se compreende. Hoje, mesmo aquilo que ainda não está nacionalizado, mesmo aquilo que hoje funciona na República Popular de Angola como empresa privada, constitui um bem do nosso Povo. Porque, se não é agora, é daqui a alguns anos. Não tenhamos ilusões a esse respeito. E nós temos que proteger esses bens, as máquinas.

Mesmo se é uma companhia privada que compra uma máquina no estrangeiro, as divisas para comprar essa máquina o dinheiro, sai do trabalho e do suor do nosso Povo. E por isso, neste caso particular dos trabalhadores do Porto nós temos até que ser carinhosos camaradas perdoem-me o termo, mas é mesmo isso camaradas carinhosos com os bens do Povo que chegam ao porto. Tratá-los com cuidado, denunciar aqueles responsáveis que não fazem atenção às coisas que se estragam lá fora. Chamar a atenção deles, estar vigilantes para que não se perca um grão de milho, para que não se perca uma caixa de sabão, para que não se estrague um camião, para que não se incendeie aquela matéria-prima que às vezes pega fogo e que depois tanta falta faz.

Camaradas, nós não estamos aqui — nós responsáveis do MPLA — para dar conselhos. Estamos a conversar e estamos a explicar aos camaradas as nossas preocupações, porque sabemos que os camaradas conhecem melhor do que ninguém a vida deste Porto. E gostaríamos que tivessem a ideia do que é que o Porto significa para o Movimento. E por isso,

que falamos de alguns aspectos particulares. Mas um dos problemas que nos interessava falar aqui com os militantes do Porto, é também o problema das palavras de ordem para este ano, que o cda. Ferreira há pouco referiu: da realização do Congresso e de criação do Partido.

A IMPORTÂNCIA DO PRIMEIRO CONGRESSO DO MPLA

Nós vamos efectivamente realizar o Primeiro Congresso do MPLA. Antes da Independência o imperialismo quis impor-nos um congresso dos fantoches, que se realizou na Zâmbia, em condições dramáticas. Mas o MPLA, batido por toda gente, por todos os lados, encontrou nos seus militantes a força para, em condições quase de minoria, no meio de toda gente que se interessava pelo problema, impor os interesses do nosso Povo. É portanto, o Primeiro Congresso que nós vamos realizar. Esse Congresso tem importância porque não vai ser uma reunião normal do Movimento, é uma reunião de delegados, dos militantes de todo País que vai estudar profundamente a situação política, económica, cultural e militar no nosso País. E vai, sobre essa situação, dar as directrizes que se impõem. Será o Congresso quem vai orientar, quem vai dar as directrizes importantes para que o processo que nós começamos, o processo revolucionário, possa prosseguir e possa chegar ao fim. Portanto, este Congresso precisa de ser preparado. Dentro de dois dias vai ter lugar a primeira

reunião preparatória da Comissão Preparatória do Congresso, em que vão participar delegados de todo o País. E será depois dessa reunião que os camaradas militantes irão receber directivas concretas sobre a actividade específica para o Congresso, que deve ser realizado ao nível de todos os Grupos de Acção, ao nível de todos os Comitês de Acção.

Desde já uma das tarefas vai ser estudar bem a constituição do Partido. Porquê um Partido? Como vamos chegar ao Partido? Quem vai fazer parte do Partido? São problemas que vão ser debatidos nestes meses que vão anteceder o Congresso.

Naturalmente, o Comité Central do MPLA vai fornecer aos militantes os documentos necessários para estudo, para que, depois, nas assembleias de militantes, os camaradas possam manifestar a vossa opinião, o vosso sentir, o vosso desejo, que serão necessariamente, levados a todos os organismos superiores do MPLA para se terem em consideração, para serem analisados. A preparação do Congresso vai ser simultânea com uma certa reorganização do Movimento. Nós, no Movimento, por necessidades da guerra, estivemos limitados a seguir uma circular, que nós chamamos a «circular número um», para organizar os Grupos e Comitês de Acção. Essa circular apareceu no momento delicado da nossa vida militante. Estávamos em guerra contra o colonialismo, contra os fantoches, portanto, ela estabelecia determinadas normas. Hoje encontramos as novas normas, que tornam mais vasta a participação dos militantes na vida do Movimento, que introduzem

um aspecto fundamental que estava omitido por necessidade da luta, que são as assembleias de militantes. Portanto, ao nível de todos os escalões do Movimento serão obrigatórias as assembleias de militantes. Quer dizer: não vamos só estar limitados aos Grupos de Acção, vamos periodicamente reunir assembleias de militantes, deste género por exemplo, em que os problemas do Movimento, do País, serão debatidos em termos de militância. Esse será um factor que vai certamente contribuir para enriquecer os documentos que serão presentes ao Congresso e enriquecer também e alargar a nossa Organização. Estas são algumas considerações que eu gostei de apresentar aos camaradas nesta oportunidade que tivemos de conversar.

Como disse, muitas vezes têm-se feito aqui reuniões em que os camaradas participaram para analisar problemas do Porto, reuniões às vezes difíceis, outras vezes mais fáceis em que se tem debatido, com sinceridade em termos revolucionários, em termos populares, de trabalhadores, os problemas que interessam particularmente ao Porto de Luanda e aos trabalhadores do Porto de Luanda a nossa reunião hoje foi mais devida a um acontecimento extraordinário que foi a inauguração da Banca do Militante. Mas isso não impede que digamos aos camaradas que o nosso Governo e o Comité Central do Movimento, estão satisfeitos por ter constatado que o Porto começou a entrar na normalidade, por ter constatado que os camaradas trabalhadores do Porto, ajudado em algumas das suas carências

pela direcção do Porto, começaram a dar aquilo que se espera deles. Nós não gostamos muito de insistir na necessidade de aumentar a produtividade. Às vezes somos mal compreendidos. Às vezes dizem: «Oh! Quem falava no aumento da produtividade era o colono, porque queria tirar do nosso sangue, do nosso suor, tudo para enriquecer.» Aqui, quando nós falamos no aumento da produtividade, não é isso que queremos dizer. Nós queremos dizer que nos esforcemos cada um de nós que trabalha, dar aquilo que nós podemos dar, porque aquilo que nós podemos dar, neste momento, não é mais para os exploradores.

Nós podemos dizer que o processo da liquidação da exploração do homem pelo homem no nosso País, já está firme, acabou. Esse processo entrou na consciência de todos os trabalhadores, na consciência de todo o Povo, na consciência mesmo daqueles que ainda cá estavam para explorar. Portanto, esta é uma grande vitória e dá-nos esta força de que aquilo que nós fizemos hoje não é mais para enriquecer o colono. É sobretudo, fundamentalmente, para melhorar as condições de vida do nosso Povo que estão más, porque saímos do colonialismo, que estão más porque fizemos uma primeira guerra de libertação e que pioraram muito com a segunda guerra de libertação, mas que, desde há um ano de independência, e os camaradas ouviram vários responsáveis, vários amigos nossos desde os presidentes Kaunda, Seretse Khama, Nyerere, Samora Machel, nossos vizinhos, nossos vizinhos, nossos

amigos, desde eles até a esse amigo dum país distante, que é Cuba, o camarada Fidel Castro, que aqui esteve, também falou com os trabalhadores angolanos, ouviram bem que eles disseram que todos realmente os trabalhadores angolanos, o Povo angolano, num ano de independência realizaram tarefas extraordinárias, que ninguém pensava que fossemos capazes realizar dentro das condições que temos ainda no nosso País, infiltração permanente, de agressão permanente de certos países imperialistas como a África do Sul e o Zaire.

Apesar disso, muito se tem feito e isso está visível. E o muito que se tem feito deve-se exclusivamente aos trabalhadores angolanos, a mais ninguém, aos trabalhadores angolanos. Isso mostra, portanto, que nós temos razões para estar otimistas, apesar das tais nuvens que se adensam, apesar dos planos agressivos dos «cobras e natais», etc., apesar das interferências estrangeiras visando a República Popular de Angola, como esta que se está a passar agora no Shaba, apesar disso, nós estamos confiantes na nossa capacidade defensiva, dos nossos combatentes, que têm dado exemplos extraordinários, em cada momento, e nos nossos trabalhadores, nos trabalhadores angolanos, que têm mostrado que são, na sua maioria, verdadeiros revolucionários. E porque são revolucionários, nós temos a certeza na vitória. E por isso a Luta Continua, a Vitória é Certa.

Composto e Impresso nas
Oficinas da
Gráfica Portugal Ld.*
— LUANDA — 1977 —





EDIÇÃO DO
DEPARTAMENTO DE ORIENTAÇÃO REVOLUCIONÁRIA
— D.O.R. —